Martim Soares Moreno

O Condutor da Guerra da Restauração Pernambucana

Carlos Studart Filho

Rica de acontecimentos, nobre e heróica, a vida de Martim Soares Moreno projeta-se, na crônica regional nordestina, com tons de epopéia; casa bem com o quadro da larga e multifária paisagem tropical, onde se desenvolveu cheia de ângulos e de côres.

Seus lances mais sugestivos são hoje do domínio público graças à farta documentação original divulgada pelo Barão de Studart nas páginas sempre opulentas da "Revista do Instituto do Ceará", publicação aliás septuagenária (1).

Assim, nenhum cultor das nossas letras históricas desconhece, por certo, o lugar de alta relevância que, de direito, cabe ao destemido e enérgico tingitano nos fastos do Brasil-Colônia, onde seu nome esplende com o justo título de "O **Fundador** do Ceará".

Tampouco ignoram, os estudiosos das coisas do passado, que a êle se deve a criação do primeiro núcleo estável de população reinol, abrolhado ao longo das praias oceânicas da costa leste-oeste, núcleo que, por largo tempo, viveu e prosperou debaixo de sua direção inteligente e vigorosa.

"Inteirados estão todos igualmente de que suas atividades, a um

---

(1) *As fontes mais lídimas de informações sôbre a vida e feitos do valente soldado lusitano estão hoje ao fácil alcance de qualquer pesquisador. Deve-se isso à orientação, sempre seguida pelos diretores da "Revista do Instituto do Ceará", cujo lema tem sido: transladar para as suas páginas todo documento interessante e autêntico, que diga respeito à história cearense.*

Na Revista foram, com efeito, publicados pelo Barão de Studart, além de numerosos papéis da máxima importância referentes a Martim Soares (ano de 1905), a "Relação do Ceará", por êle próprio escrita, em 1618, e que é, a um só tempo, autobiografia e descrição geográfica abreviada de nossa terra.

Há que mencionar ainda a publicação dos trechos mais im-

tempo guerreiras e construtivas, não ficaram adstritas ao estreito âmbito da capitania que lhe coube erigir e governar.

Em 1613 seguiu, com efeito, para as terras do Meio-Norte, incumbido da missão de "descobrir y sondar la barra del Maranon", em cujas margens os franceses haviam postado, como sinal de posse, fortificações permanentes. Aí retornou depois, várias vêzes, assinalando sempre a sua passagem por ações militares de grande valia.

Prestou, dêsse modo, inestimáveis serviços à obra ingente e gloriosa de expansão do domínio português em chãos sul-americanos, propiciando aos soldados de Jerônimo de Albuquerque e, depois, aos de Alexandre de Moura, a ambicionada posse do litoral maranhense.

"No intuito de facilitar a expulsão de estrangeiros que ali se haviam estabelecido com grande poderio, empregou, na emprêsa, escreve o Barão de Studart, os mais engenhosos ardis e só descansou quando conseguiu os necessários esclarecimentos para que se pudesse levar a bom caminho a jornada cujo epílogo foi o tratado de 27 de novembro de 1614 e a subseqüente retirada da gente de La Ravardière e Rosilly..." (2)

Muitos sabem, ainda, que, cedendo aos impulsos do seu patriotismo e às ordens emanadas diretamente do Monarca, e cujos ouvidos chegara, por certo, a fama de seu valor pessoal e dos largos conhecimentos da língua dos indígenas, deixa o Ceará a fim de participar das operações bélicas contra os invasores flamengos.

Fixando, em suas "Memórias Diárias da Guerra do Brasil", êste acontecimento de marcada projeção nos anais históricos do Nordeste, assim o consignou a pena bem informada de Duarte de Albuquerque, o quarto donatário da capitania de Pernambuco e historiador a cuja probidade não regateia louvores o nosso Capistrano:

"Nos princípios de junho (1631), refere singelamente o cronista,

---

portantes, para nós, da "Jornada do Maranhão", escrita por Diogo de Campos Moreno, Sargento-Mor do Estado do Brasil, coetâneo dos fatos que menciona, e tio e protetor de Martim Soares. A obra apareceu pela primeira vez, no Brasil, nas "Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão", de Cândido Mendes de Almeida, Rio, 1874.

Sôbre Martim Soares Moreno deu a lume o Barão de Studart, na Revista do Instituto do Ceará, Tomo XVII, ano do tricentenário da chegada dos primeiros portuguêses, a um minucioso estudo que tem servido de fonte de inspiração a quantos, depois dêle, abordaram o assunto. Digno, também, de ler-se o trabalho de Afrânio Peixoto "Martim Soares Moreno", editado em 1940, em Lisboa, pela Divisão de Publicações da Biblioteca, Agência Geral das Colônias, e, em 1941, pela Livraria Paulo Bluhm, de Belo Horizonte. Heitor Marçal versou o mesmo tema.

(2) *Barão de Studart, "Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará", Rev. do Instituto do Ceará — Tomo XVII, ano XVII — Fortaleza, 1903.*

chegou ao Real, com socorro do Ceará, o Capitão Martim Soares Moreno, do hábito de Santiago (depois Mestre-de-Campo) que foi o primeiro que por El-Rei estêve naquela débil praça, e por sua ordem vinha agora servir na guerra de Pernambuco, trazendo alguns índios e poucos soldados".

As contingências do momento não permitiram, porém, como é sabido, a êste homem extraordinário ali permanecer inativo por largo espaço de tempo. Apenas atingiu o rio lindeiro entre Sergipe e Bahia, logo lhe foi ordenado que retrocedesse às terras do Nordeste Oriental, palco de tantas ações gloriosas para as armas luso-brasileiras e que os horrores de uma luta armada, sem tréguas nem quartel, já convulsionavam com desusada violência.

Penetrou, pois, como bem ressalta o Barão de Studart, no ambiente onde atuaram Matias de Albuquerque, Fernandes Vieira, o Castrioto Lusitano, André Vidal de Negreiros, o rival do insigne Madeirense, o índio Camarão, o negro Henrique Dias e muitos outros pequenos heróis cujos nomes a história conserva com religioso respeito. Aí se lhe abrirá "o ensejo para novas façanhas guerreiras, participando das campanhas de emboscada com seus ataques permanentes das célebres guerrilhas, das memoráveis retiradas, como essa em direção à Bahia, em que tão alto se ergueram o amor ao torrão natal e fidelidade à fé religiosa".

Tal como sucedera nos outros setores da Colônia por êle antes perlustrados a serviço da Pátria, também naquelas terras iluminadas pelo esplendor de feitos militares excelsos, lhe sorriu a fortuna desde os primeiros encontros havidos com os inimigos do seu rei e de sua gente.

"Logo que chegou ao novo campo de luta, agregando-se-lhe mais alguma gente, tomou — são palavras do Marquês de Basto — o pôrto chamado de Nossa Senhora da Vitória, ao pé do rio Capiberibe, pela parte que divide a ilha de Santo Antônio, e em frente de dois dos quatro redutos que nela havia levantado o inimigo".

Pouco depois, a 29 de agôsto do mesmo ano de 1631, ou em setembro, afirma-o Afrânio Peixoto, baseado em Brito Freire, — que também regista a atuação de Martim Soares nas guerras pernambucanas, — êle mais uma vez se notabiliza por um belo feito militar.

Na data apontada, consoante ainda o Marquês de Basto, fôra "encarregado de, com a gente de seu quartel e, particularmente, com os índios que trouxera do Ceará, acometer um daquêles quatro redutos, que o inimigo havia feito na ilha de Santo Antônio". Cumpriu a ordem formal, "investindo com tanta bizarria que entrando-o degolou 12 e trouxe prisioneiro o sargento, que o guardava com mais de 40 homens, os outros o desamparam aterrorizados de ver os índios, cujo aspecto nos primeiros anos lhes era terrível; e êstes do Ceará, por menos domésti-

cos e tratáveis mais serviam para êste efeito que para outro qualquer (3).

Daí em diante, informa o historiador de quem recolho estas notas, a sorte das armas, as exigências da campanha, a obediência às determinações superiores conduziram Martim Soares a lugares diversos, a diferentes capitanias e fizeram-no testemunho ou figura saliente em muitos dos acontecimentos que se desenrolaram na guerra holandesa. (4)

E para que selasse com o sangue os feitos a que o dever e a fama o obrigavam, foi ferido em vários encontros, como, por exemplo, quando o inimigo, guiado pelo trânsfuga Domingos Calabar, assolou o arraial a 27 de março de 1633, morrendo-lhe então o chefe Lourenço Rembach".

Depois de haver-se demorado longamento em Pernambuco, ocupado na faina de contínuos assaltos, combates e investidas, entre os quais o de 1º de março de 1634 contra a praça de Recife, onde obrou prodígios de valor, revelando-se o mesmo homem de Cunhaú, de Mossurepe e do forte de Nazaré, Martim Soares passou a operar na Paraíba com outros chefes portuguêses e espanhóis (5).

Aconselhados, de certo, pelo audacioso e sagaz mulato pernambucano que, dois anos antes, lhe viera engrossar as fileiras e trazer a valiosa contribuição de seu braço e de sua experiência, haviam os holandeses assaltado aquela capitania nordestina e Martim Soares para lá se transportara a fim de juntar-se ao movimento de comum reação contra as fôrças invasoras.

Tudo fôra baldado. Nas vésperas do Natal de 1634, estava a sede do Govêrno da Paraíba em mãos dos assaltantes.

"Inúteis haviam sido, lembra ainda o Barão de Studart, os atos de memorável heroicidade com que a fama recolheu os nomes dos dois Peres Calhau e as perdas gloriosas de Matos Cardoso, Pais de Souto, mortos no campo de honra".

Vencido, pretendeu Antônio de Albuquerque restribar, fundando, na orilha das terras conquistadas, um novo Arraial do Bom Jesus, onde pudesse acastelar-se e enfrentar as armas contrárias.

Seus beneméritos propósitos não encontraram acolhida entre os combatentes luso-brasileiros. Não vencendo a idéia, êle teve de resignar-se a emigrar para Pernambuco e, com Bangnuoli, Martim Soares e outros chefes militares, vai unir-se a Matias de Albuquerque a quem leva a nova da terrível derrota.

"Queria Antônio de Albuquerque, diz Southey, postar-se agora onde

---

(3) *Ver trechos do Marquês de Basto, relativos ao Ceará*, in "*Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará*". *Vol. II — Fort., 1909.*

(4) *Entre êstes feitos cabe referência especial ao ataque por êle dirigido, na noite de 1º de março de 1634, contra a praça do Recife e que tantas baixas causou ao inimigo.*

(5) *Barão de Studart. Op.: cit. pág. 217.*

pudesse defender o país, mas os seus haviam perdido tôda a confiança e todo o ânimo. Duas companhias de indígenas, recrutadas nas aldeias próximas, desertaram para o campo dos conquistadores, e todos os índios da Capitania festejavam os novos senhores, escolhendo o mesmo partido os do Rio Grande. Abandonado como se viu no seu govêrno e privado de tôda esperança — que maravilha é que o povo da Paraíba curvasse afinal a cerviz a um jugo contra que tanto e tão bruscamente lutara?".

Com a conquista de mais aquêle grande trato da terra brasileira, passam os invasores a dominar a costa nordestina, desde o Rio Grande até o Recife.

O trecho sulino do litoral, daquela vila até o São Francisco, será avassalado, logo a seguir, com o abandono do Arraial do Bom Jesus e tomada das fortificações de Nazaré e do cabo de S. Agostinho.

A célebre retirada de Matias de Albuquerque para Salvador, verdadeiro episódio de lenda, encerrará, por sua vez, a primeira fase da luta contra os holandeses, com o franco triunfo das armas invasoras.

A segunda fase abrir-se-á, em 1645, com a revolta dos valentes conjurados do Recife. Entre uma e outra, o largo interregno que, iniciado com a entrada em ação dos infatigáveis campanhistas, abrange o octênio de Maurício de Nassau e finda com a substituição dêste príncipe de sangue por um govêrno de negociantes cúpidos e cuja administração, pouco esclarecida, terá como resultado o levante dos pernambucanos (6).

Numerosos, os cultores da história pátria que têm, como dissemos antes, ciência precisa de todos os episódios atrás sumàriamente referidos, a muitos dos quais Martim Soares simplesmente se associou ou de que foi a figura de maior realce.

Forçoso é, porém, confessar serem poucos aquêles que, recapitulan-

---

(6) *A guerra dos Campanhistas, que tão elogiada tem sido por alguns dos nossos estudiosos e que atingiu o acme de sua intensidade no ano de 1636, foi, sem dúvida, o acontecimento mais sórdido de tôda a campanha da libertação pernambucana. Partidos de homens, militarmente organizados, talam sem descanso o território ocupado pelo inimigo, roubando e destruindo propriedades, incendiando canaviais, aprisionando escravos e furtando gados. Semeavam, por essa forma, a mãos cheias, a ruína, o terror e a morte tanto entre invasores como entre os próprios colonos luso-brasileiros radicados à terra.*

Isso gerava naturalmente represálias, violentas e brutais, por parte dos holandeses, que nada ficavam a dever aos nossos em crueldade, valentia e determinação, quando estava em jôgo a defesa de suas vidas e seus haveres. Desmandos e truculências de uns e outros acabaram provocando a desorganização econômica pelo quase aniquilamento da lavoura de cana de açúcar e algodão, levando o Nordeste Ocidental à beira do colapso. Isso, embora tenha, de certo modo, facilitado a expulsão dos intrusos, acarretou graves prejuízos materiais aos moradores e dificultou sèriamente a sua posterior recuperação econômica.

do tais episódios, reconhecem o alto valor de seus feitos de armas. Menor ainda o número dos que estão a par da verdadeira função por êle desempenhada no período que vai de agôsto de 1645, quando, por ordem do Governador Teles da Silva, partiu para Pernambuco na frota de Jerônimo Serrão de Paiva, até fins de 1647, época de seu regresso a Salvador. Aí, em abril de 1648, seria substituído no comando do têrço por Nicolau Aranha Pacheco.

Escritores há que, deslembrados de tudo quanto obrou nessa fase decisiva de nossa luta contra os batavos, chegam ao censurável extremo de relegar à penumbra, se não ao esquecimento puro e simples, seu nome benemérito.

Herman Watjen, por exemplo, em "Domínio Holandês no Brasil", cita-o (pág. 237) apenas incidentemente quando alude ao fato de ter êle assumido o comando de um dos regimentos saídos da Bahia.

Passível de maior censura revela-se, porém, o autor apontado, quando, logo a seguir (pág. 238), exaltando a figura justamente admirada de André Vidal de Negreiros, sustenta haver o valente paraibano desempenhado, por algum tempo, o papel de condutor mais graduado da Guerra da Libertação.

Assim, afirma: "Depois que os corpos de combatentes de Camarão, Dias e Vieira se juntaram à sua tropa, Vidal, *que agora exercia as funções de chefe supremo das operações militares*, invadiu inesperadamente o engenho de açúcar Casa Forte, distante de Recife..." (7)

Verdade é que, malgrado avolumarem-se dia a dia os escritos versando a grande aventura batava no Brasil, cada vez mais se espessam as névoas que ocultam a fisionomia real de determinados fatos dessa época a tantos títulos memorável. Isto ocorre por influência de nossos historiadores oficiais que nem sempre olham os acontecimentos pretéritos com a necessária frieza no julgamento.

Olvidados de que tal possa suceder, estudiosos modernos lhes seguem inadvertidamente as pegadas, esposando e difundindo, por sua vez, conceitos nem sempre isentos de parcialidade.

Para comprovar o que ficou dito, citaremos o Major Antônio de Sousa Júnior — sem dúvida, um dos novos valores surgidos no campo da historiografia nacional, (8) e que, ao escrever o livro "História re-

---

(7) *É certo que, referindo-se à primeira fase da luta, Watjen diz, às páginas 103 de seu livro: "Quando se lhe puseram a disposição homens como Martim Soares, Luís Barbalho, João Fernandes Vieira e o chefe Felipe Camarão, pôde Albuquerque pensar em ocupar as estradas que comunicavam a costa com o interior, no propósito de interceptar o abastecimento de víveres da própria terra ao inimigo". Trata-se, porém, urge observar, de uma época em que Martim Soares era ainda um simples comandante de companhia.*

(8) *Mencionamos especialmente o Major Sousa Júnior, porque seu trabalho logrou obter o primeiro prêmio no concurso instituído pela Biblioteca Militar, 1949.*

sumida das guerras holandesas no Norte do Brasil", incorre no mesmo grave equívoco de Watjen. Traz apenas duas ou três referências vagas à pessoa do herói do Pontal de Nazaré. (9)

É certo que o escritor militar está em boa companhia. Também Varnhagen, na valiosa obra intitulada "Holandeses no Brasil", — onde, de ordinário, vão beber ensinamentos os novéis exegetas patrícios, — apresenta-o como uma figura absolutamente secundária a mover-se hesitante no rubro cenário da guerra. Seria Martim Soares, na verdade, para o mestre de todos nós, um simples auxiliar de André Vidal de Negreiros, a quem alça a condição de chefe e guia da totalidade dos rebeldes luso-brasileiros.

Tendo em mira apoucar Martim Soares e, também, no evidente intuito de enaltecer Vidal, apeando João Fernandes Vieira do pedestal de glória onde o haviam colocado Frei Manuel Calado, Frei Rafael de Jesus e outros panegiristas do ardoroso e irrequieto Madeirense, o mestre emite, com efeito (págs. 290 e 291, da edição de Lisboa, 1872) êsses conceitos profundamente injustos: (10)

"Mas se até então Vieira nada resolvia senão pela bôca de Antônio Dias Cardoso, daí por diante, até tomar o mando o Gen. Francisco Barreto, foi Vidal o verdadeiro diretor da guerra, e assim o entendeu o inimigo, que com êle manteve principalmente a correspondência, que possuímos traduzida em holandês, e mostra sua muita capacidade. (11)

"*Resolveu pois Vidal que Martim Soares com* o *seu têrço passasse a investir a fortaleza do Pontal,* ao passo que êle, com o seu têrço e as tropas de Vieira, iriam a marcha forçada em busca das fôrças de Hous, junto do Recife. Esta marcha, prossegue, se efetuou durante todo o dia e noite de 16, sendo nesse tempo vencida a distância até a Várzea do Recife, apesar do muito lodo e falta de comodidades que as tropas encontraram".

E, muito adiante, pág. 293: "... deixando a Vieira, com tôda a gente de Pernambuco, incomodando o inimigo e regularizando o sítio do Recife, correu, com o seu têrço, a reforçar a Martim Soares, que *dei-*

---

(9) Para se ajuizar da importância estratégica da praça conquistada recordemos, com Capistrano, que Matias de Albuquerque nunca mais assistiu no arraial de Bom Jesus, depois de tomado o Pontal de Nazaré pelos holandeses na primeira fase da guerra.

(10) Da tarefa necessária de situar João Fernandes Vieira dentro da realidade histórica, haveria de desincumbir-se com grande felicidade F. A. Pereira da Costa, em trabalho dado a lume no Vol. XII, da Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, sob o título: "João Fernandes Vieira à luz da História e da Crítica". Ler sôbre o assunto também o artigo intitulado "Pereira da Costa", de autoria de Hélio Viana e divulgado pelas colunas do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro.

(11) Por estranho que pareça, a correspondência que conhecemos, de origem portuguêsa, mostra justamente o contrário: que não foi Vidal, na realidade, o diretor da guerra como se verá adiante.

xa investindo a fortaleza do Pontal. A derrota completa de Hous já aí conhecida, deveu concorrer para a pronta rendição da Praça, aumentando a fôrça moral de uns e descoroçoando a outros. Com tais precedentes, julgou Vidal que mais fàcilmente ocuparia a Praça, entrando em negociações, que pondo-lhe baterias e atacando-a pela sapa. Escreveu pois uma carta a Hoogstraten, expondo-lhe quanto se passava, lembrando os anteriores compromissos na Bahia acrescentando os de Vanderley com João Gomes de Melo e exortando-o que capitulasse. . ."

"Deixaram, diz ainda, (pág. 312), os nossos Mestres-de-Campo em Serinhaém por Capitão dos moradores e da Fortaleza a Álvaro Fragoso de Albuquerque e logo marcharam adiante. Martim Soares Moreno veio mais devagar com o seu têrço em diretura para o Pontal de Nazaré e cabo de S. Agostinho, e André Vidal de Negreiros partiu diante e com mais pressa em busca de João Fernandes Vieira, etc" (12)

O critério que adota o grande historiador brasileiro, de romper com a tradição vigente, dando a Vidal de Negreiros a primazia entre os Mestres-de-Campo que militaram em Pernambuco, depois da revolta de 1645, é, aliás, também, o seguido pelo escritor Rocha Pombo, na monumental "História do Brasil" (vol. IV, págs. 524-525, etc), e pelos seus colegas pernambucanos, ainda os de maior projeção em nossas letras.

Os que dêsse modo procedem, usam, porém, como o historiógrafo paulista e seu continuador paranàense, do estranho artifício de inverter sistemàticamente a colocação dos nomes dos chefes empenhados na luta, para, contrariando os documentos da época, fazer aparecer sempre em primeiro lugar o nome do insigne soldado paraibano. (13)

Ora, isso é tanto mais estranhável quanto foi Martim Soares, na realidade, a figura máxima das lutas da Restauração Pernambucana, no período que precedeu à nomeação de Francisco Barreto de Menezes para Mestre-de-Campo Geral e supremo condutor da guerra.

É incontestável que, "na hora das distribuições das recompensas e

---

(12) *Mais consentâneo com aquilo que nos parece ser a realidade dos fatos, escreve Frei Manuel Calado em sua obra "O valoroso lucideno e triunfo da liberdade". Ed. Cultura — São Paulo, 1943, pág. 77. Mais adiante, pág. 83, insistindo sôbre o assunto, assevera: "Agora é bem que tornemos três ou quatro passos atrás, e tratemos da jornada que os dois Mestres-de-Campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros fizeram com os seus dois têrços de infantaria, da Bahia para Pernambuco a aquietar os moradores daquela Capitania, segundo o havia prometido o Governador Antônio Teles da Silva aos embaixadores holandeses".*

Anteriormente, à pág. 60, dissera êle: "Agora é bem que tratemos da viagem que fêz o seu têrço o Mestre-de-Campo Martim Soares Moreno".

(13) *Por sugestiva e feliz coincidência, Capistrano de Abreu e o Barão de Studart, ambos cearenses, e alguns historiadores de menor vulto, fazem, acertadamente, figurar em seus trabalhos o nome de Martim Soares antes dos outros heróis da restauração.*

dos donativos régios, na hora das ruidosas ovações populares aos chefes vitoriosos, não era aclamado seu nome", mas isso de nenhum modo lhe tolda ou obscurece o mérito incontestável, nem significa que êle não tivesse tido, alguns anos antes, clara primazia sôbre os colegas de pôsto.

O fato inegável reponta, aliás, do estudo das numerosas cartas e papéis oficiais, firmados pelos chefes militares mais credenciados desta guerra, e onde o seu nome antecede invariàvelmente aos dos outros assinantes. É isso, em verdade, sugestivo e convincente, tendo-se em vista o rigor com que sempre foram respeitadas, na vida militar, as regras de precedência.

Que nos baste citar, como testemunho concreto do que afirmamos, os três documentos, datados, respectivamente de 4 de setembro de 1645, 27 de janeiro de 1646 e 16 de agôsto de 1647. O mais antigo, alude à designação do Cap. Antônio Crastro, para uma das companhias do têrço de João Fernandes Vieira; o segundo, diz respeito à nomeação de Bartolomeu Lins de Albuquerque para uma das companhias a serem levantadas na capitania de Itamaracá, e, o terceiro, finalmente, trata da escolha de Manuel de Abreu Soares, também para Capitão do têrço de Fernandes Vieira. (14)

Da leitura das duas cartas escritas, em data de 21 de julho de 1645, pelo Governador Geral Antônio Teles da Silva e endereçadas, uma, aos moradores de Pernambuco, e a outra, aos membros do Supremo Conselho, se chega a idêntica conclusão, no que tange à antiguidade de pôsto e, conseqüentemente, à supremacia militar de Martim Soares.

Delas destacamos os tópicos seguintes, que nos parecem decisivos para a solução do caso. O primeiro, tirado da carta ao povo sublevado, diz: "dei ordem expressa aos Mestres-de-Campo-Governadores, Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, a cuja prudência fiei o pêso..."

O segundo, que integra a missiva mandada às autoridades batavas, adianta: "... envio nessa armada a essa capitania os dois Mestres-de-Campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, sujeitos ambos de cujas qualidades e prudência fiei a substituição de minha pessoa..."

Há ainda a considerar êste trecho do ofício enviado pelo mesmo Governador Geral ao Rei, em 12 de junho de 1646, que diz: "Senhor, pela carta inclusa que agora recebi dos Mestres-de-Campo Martim Soares e André Vidal de Negreiros, será presente a V. M..."

---

(14) Outros documentos além dêstes que vão transcritos no fim do presente trabalho — cartas, patentes de nomeação e ordens de serviço — conhecemos, divulgados em publicações especializadas, particularmente na "Revista do Instituto Arq. Geog. e Hist. Pernambucano e firmados pelos chefes militares que poderíamos referir para reforçar as nossas afirmativas, já assaz comprovadas.

Para que não paire dúvida no espírito do leitor quanto ao fato de ser Martim Soares a maior autoridade militar portuguêsa, então lutando em Pernambuco, e, portanto, o supremo dirigente da campanha contra os invasores holandeses, apontaremos mais os dois documentos abaixo que reputamos de sumo interêsse para o caso.

O primeiro, sem dúvida, mais importante e sugestivo, refere-se à detenção, *por êle determinada contra* o *parecer unânime dos outros chefes militares,* — do Pe. Manuel de Morais, jesuíta que, em 1635, fizera causa comum com o inimigo e, esquecido da pátria, de sua religião e da "ordem benemérita a que pertencia e a que jamais manchara tamanho vilipêndio", passara à Holanda, onde abjurara, tornando-se calvinista (15).

Tendo contraído duas vêzes núpcias sacrílegas no Velho Mundo, regressou ao Recife, em dezembro de 1643, para exercer as funções de ministro protestante, ao que supõe o Pe. Rafael Galanti.

Imitava, assim, o procedimento do sacerdote francês Vicente Soler que, embora frade augustiniano, se fêz calvinista, casou e veio assistir em Pernambuco, na qualidade de predicante.

Sustenta, porém, Sacramento Blake que o inaciano apóstata voltou torturado pelas saudades da pátria.

De qualquer modo, foi o antigo sacerdote, dois anos depois de chegar ao Brasil, aprisionado pelos insurgentes e conduzido diante de João Fernandes Vieira. (6) Em presença do Mestre-de-Campo, afirma Naasson de Figueiredo, "abjura de novo o credo que erradamente abraçara, jura fidelidade e pede indulgência para o seu crime". (17)

"Desdaí, prossegue o nosso informante, com um crucifixo e uma espada, não deixou de lutar ao lado de Vieira".

De nada lhe valeu, porém, acrescentamos nós, a proteção do "Governador das Liberdades Divinas", nem as simpatias de André Vidal de Negreiros que por êle também se tomara de pena.

O padre apóstata viu-se, não obstante a proteção dos dois Mestres-de-Campo, novamente detido, já agora por ordem de Martim Soares Moreno que, por ser mais antigo e não concordar com o modo de proceder de seus colegas de farda, o mandou, sob guarda, para Lisboa.

Chegando à Metrópole, em fevereiro de 1646, foi logo recolhido aos cárceres do Santo Ofício.

Tudo isso se depreende do Processo a que foi submetido e do qual o Barão de Studart copiou os trechos de maior interêsse para a história do Ceará, publicando-os na revista do seu Instituto.

---

(15) *Exemplo único de apostasia entre jesuítas, afirma-o Southey.*

(16) *Outras versões existem da prisão do Pe. Manuel de Morais. A mais conhecida é a de Frei Rafael de Jesus, divulgada por Fernandes Gama.*

(17) *Naasson de Figueiredo "O Padre Manuel de Morais", **Rev.** do Inst. Arq. e Geog. e Hist. Pernambucano. Vol. XXXIII, ano 1934.*

Intitula-se o documento:" Processo de Manuel de Morais, sacerdote teólogo natural da vila de São Paulo, Estado do Brasil, residente que foi nas parte do norte, prêso nos cárceres da Inquisição". Lisboa C.d. 4.847.

Nêle se lê que, submetido a interrogatório, respondeu o Padre o seguinte: — "Tratei logo de me vir apresentar a êste santo tribunal com beneplácito de uns Mestres-de-Campo que governavam. E por terceiro que é Martim Soares estava contra mim, me mandou prender por paixões suas particulares e prêso me mandou remeter a êste santo tribunal pelo auditor (fls. 30).

E, logo a seguir, disse, fls. 68, "... — tomando por pretexto da prisão dêle confitente lhe disse o Ajudante que o prendeu por que êle confidente havia escrito uma relação dos sucessos daquelas armas em a qual não falara na pessoa do dito Martim Soares louvando muito os outros cabos de guerra.

E tratando êstes de fazer pôr êle em liberdade o *dito Martim Soares o impediu* tomando por fundamento que o Governador Geral Antônio Teles tinha ordenado que êle confitente viesse para êsse reino seguro que o dito Martim Soares quis entender por prêso sendo assim que o dito Governador na carta em que deu esta ordem, segundo disseram a êle confitente os ditos Mestres-de-Campo João Fernandes e André Vidal, queria dizer que êle confitente viesse de seu favor e assim se presume porque a Carta ao dito Governador que continha esta ordem respondia a outra dos ditos Mestres-de-Campo em que lhe haviam pedido embarcação para êle confitente vir a êste reino apresentar-se ao Santo Ofício e carta dêle Governador a favor dêle confitente e seguro que escrevia em seu favor a Sua Majestade e *não foi bastante o sobredito para o dito Martim Soares por ser mais antigo deixar de mandar a êle confitente prêso* como veio e foi entregue nesta inquisição".

A afirmativa, partida de um inimigo, é outra prova concludente de que Martim Soares ocupava a mais alta posição hierárquica nas fôrças em operação de guerra contra os holandeses.

Digno de consideração e análise é, ainda, o texto da carta de 6 de setembro de 1646, dirigida pelo herói ao Governador Teles da Silva, solicitando mercê para alguns flamengos que nos haviam ajudado e eram "casados com portuguêses" nomeadamente Theodósio Ostrata e Gaspar Vander ley. No documento apontado, a que também alude Rodolfo Garcia, em suas notas a Varnhagen, e refere Afrânio Peixoto no trabalho intitulado "Martim Soares Moreno", — diz o missivista recear pela sorte da Armada de Serrão de Paiva, fato que, conforme lembra o segundo

dos homens de letras citados, se verificou e teve desagradáveis conseqüências para o desenrolar das operações militares contra os invasores.

O teor da missiva deixa antever, claramente, que Martim Soares gozava ainda de grande prestígio nas altas esferas administrativas da Colônia e era pessoa da imediata confiança do Governador Geral.

Ùnicamente dêsse modo poder-se-ia explicar que tomasse a si a responsabilidade de interceder junto àquela autoridade em favor de oficiais inimigos que tão amiúde costumavam quebrar a palavra empenhada, comprometendo, sèriamente, a reputação de seus afiançadores.

***

A guerra da restauração pernambucana chegou ao término em 26 de janeiro de 1654, com a derrota total das fôrças holandesas e assinatura da capitulação da Campina do Taborda.

Martim Soares não teve, porém, como é sabido, o seu lugar entre os triunfadores. Não lhe permitiram os fados "assistir ao remate da luta gloriosa. Não estava ao lado de Francisco Barreto, Vidal de Negreiros. Fernandes Vieira e Henrique Dias, no grande dia da pátria, quando se realizavam no Recife os festejos comemorativos da vitória". Muito antes de tais demonstrações de júbilo, tomando a si a espinhosa missão de reconduzir a Salvador um trôço de soldados que, pelas suas atitudes, não mais inspiravam confiança, recolhera-se a esta cidade, onde, com licença do govêrno, se fôra para o reino.

Assim procedeu, asseguram escritores de mérito que abordaram o assunto, por se achar alquebrado pelo pêso da idade e das muitas enfermidades acumuladas no decorrer dos seus 62 anos de vida, tão cheia de labôres e aventuras guerreiras, dos quais cêrca de 45 passados ao serviço do Brasil.

Há quem considere o seu ato um gesto de repulsa e esclareça que teria abandonado Pernambuco porque "repugnava, ao seu carácter de soldado, a hipocrisia das autoridades superiores, que estavam a fomentar e atiçar a reação pernambucana e, ao mesmo tempo, renegá-la perante o inimigo e diante das côrtes européias".

Não temos por aceitável tal explicação. Militar, na mais ampla expressão do têrmo, não é crível que o herói se julgasse com direito a criticar a política internacional do seu govêrno.

Demais, tudo indica que, ao serem escolhidos, êle e André Vidal de Negreiros, para comandar os têrços que seguiam com a missão de obrigar os moradores das zonas conflagradas a depor as armas, ambos os chefes estavam perfeitamente inteirados do papel dúbio que iriam representar perante os holandeses.

As designações não haviam sido compulsivas, pois não resultaram da carência de oficiais capazes para a emprêsa, que os havia então numerosos em Salvador.

André Vidal de Negreiros de há muito estava na conjura contra os invasores e dela fôra até um dos principais instigadores e o coordenador incansável.

Martim Soares, por sua vez, como pessoa da inteira confiança do Governador Geral e chefe da expedição, não podia desconhecer o teor da correspondência secreta de que era portador Serrão de Paiva, o comandante da frota a cujo bordo viajavam todos para Pernambuco.

Não assumiu, ao que parece, qualquer compromisso formal de bater os holandeses, nem documento existe que prove ter êle entretido negociações ou contatos secretos com os rebeldes recifenses antes de deixar a Bahia. Todavia as preocupações que lhe assoberbavam o espírito, no tocante à possibilidade de serem os navios de Serrão de Paiva aprisionados pelos batavos, e o temor de que, tal sucedendo, a correspondência conduzida pelo comandante viesse a lhes cair nas mãos — sentimentos ambos implícitos em sua carta de 6 de setembro de 1646, a que já nos referimos, —falam bem alto em favor da tese segundo a qual êle estava perfeitamente a par do jôgo dúplice dos dirigentes lusitanos.

Se Martim Soares seguiu para o teatro da luta, foi, repetimos, porque concordava em ser um dos copartícipes da intriga hàbilmente urdida contra os interêsses holandeses.

Na verdade, a pátria exigira do velho soldado mais êste ato de abnegação e renúncia; reclamara o sacrifício de seu pundonor de homem de palavra e êle se prontificara a fazê-lo.

A convivência na prática de atos de deslealdade contra o inimigo — êste também acostumado a atuar de maneira escondida e insidiosa — não seria, aliás, de molde a despertar remorsos em Martim Soares. Era homem afeito, de longa data, a lançar mão dos mais deslavados ardis em suas lutas contra indígenas rebeldes e flibusteiros de tôdas as nacionalidades que rondavam o litoral nordestino.

A análise de seu comportamento anterior nos leva, por conseguinte, à conclusão de que os alegados escrúpulos de consciência não teriam cabimento (18).

Bem mais satisfatória se nos afigura a hipótese, já referida antes,

---

(18) *Rejeitamos, igualmente, a opinião do Pe. Galanti, que atribui a partida de Martim Soares para o Velho Mundo à simples "necessidade de tratar de negócios na côrte".*

Além de extremamente vaga, a afirmativa do historiador deixa de levar em conta as qualidades de abnegação e amor à causa pública por êle sempre demonstradas no decorrer de seus longos anos de vida.

Assim, não é crível que tal homem desamparasse a terra, no mais aceso da luta contra os invasores, movido apenas por interêsses materiais imediatistas.

que considera a defecção dêsse homem extraordinário pelo seu valor e proezas militares, uma triste e inevitável conseqüência do seu precário estado de saúde, embora haja que recordar a grande demonstração de vitalidade de que dera provas, pouco antes, fazendo, a pé e em condições difíceis, o trajeto do Recife a Salvador.

Exposto, no último quartel da vida, às contingências e perigos de uma guerra extremamente ativa e cheia de lances dramáticos, é possível houvessem suas fôrças físicas entrado em colapso. É aceitável, igualmente, que, minado dos achaques próprios à velhice — que punham como é natural, sérios entraves ao pleno cumprimento dos deveres de soldado — êle reconhecesse a necessidade de abandonar a luta.

Recusamos, porém, admitir fôssem os percalços da ancianidade, a razão única ou, mesmo, a causa fundamental de sua atitude insólita de largar *ex-abrupto* o campo de ação, antes de finalizada a luta.

Para explicá-la de maneira decisiva, julgamos necessário admitir, outrossim, a interferência de uma determinante de cunho psicológico, ou, melhor, de um motivo de fundo eminentemente sentimental: — o sentir-se ferido, em seus melindres de soldado, pela notícia da nomeação de Francisco Barreto para Comandante em Chefe das tropas luso-brasileiras, nas funções de Mestre-de-Campo Geral, nomeação que data de 12 de fevereiro de 1647, funções a que êle se julgaria, talvez, com direito.

Injustiça igual sofrera, é exato, o Gen. Matias de Albuquerque, quando substituído, sem um protesto, no comando das operações militares, por D. Luís de Rojas y Borja, o chefe espanhol que iria desaparecer, pouco depois, tràgicamente, na Batalha de Mata Redonda.

Nem todos os grandes homens reagem, porém, de maneira idêntica às incompreensões, injustiças e ingratidões com que, por vêzes, os governos agalardoam os seus serviços. Nem só de memoráveis façanhas é feita a vida dos heróis; suas sombras gigantescas ocultam, também, como é natural, fraquezas bem humanas...

Como quer que seja, retirou-se para o Reino pelas alturas de 1648, legando ao Nordeste e ao Brasil valorosas ações, nem sempre referidas e exaltadas como merecem. Faleceu em data não apurada.

Sôbre êsse ponto, sabe-se apenas que deve ter chegado aos fins do segundo quartel do século, pois, em setembro de 1649, firmou certidões em favor de João Fernandes Vieira. Serviram para instruir a petição com que o beneficiado requeria a paga dos grandes serviços prestados nas lutas contra os holandeses. (19)

(19) *H. M., jornalista e homem de letras cearense, publicou, em 1943, editada pela casa Vecchi Limitada, do Rio de Janeiro, uma biografia romanceada de "O fundador do Ceará", intitulada "Martim Soares Moreno, o guerreiro branco de Iracema". Nela sustenta o autor, à pág. 151, que Martim Soares "transpôs, todavia, o meado do século XVIII, (?)", e prossegue — "Atesta*

Aludindo à partida de Martim Soares para o Velho Mundo, diz o inolvidável historiador Rodolfo Garcia, fechando, dêsse modo, com chave de ouro, uma de suas notas a Varnhagen e prestando, ao mesmo passo, ao valente militar a homenagem a que sempre fazem jus aquêles que nobremente defenderam os interêsses da pátria. "E assim desaparece da cena uma das figuras de guerreiro mais heróicas da História Brasileira".

Nota final — Não pretendemos, nem de longe, com o que acima deixamos escrito, significar haja sido Martim Soares Moreno mais útil à causa da libertação pernambucana do que os outros chefes, seus companheiros de luta. Quisemos apenas mostrar um fato ainda não pôsto na devida evidência, qual o de ter êle ocupado as funções de Comandante Geral, no penúltimo quartel da guerra neerlandesa.

Hieràrquicamente superior a André Vidal de Negreiros e, como é natural, também aos outros combatentes, foi êle, sem sombra de dúvida, quem conduziu as operações militares nesta fase, de certo modo decisiva, da campanha que vai dos inícios de 1645 até fins de 1647.

---

isso a sua assinatura em 1659 nas certidões com que André Vidal de Negreiros se muniu para transformar em ouro as suas glórias conquistadas na incruenta (?) luta com os holandeses".

O novel autor que, olvidado dos seus ainda parcos conhecimentos históricos, tantas vêzes pretendeu, em seu escrito, corrigir supostas falhas existentes no trabalho impecável que, sôbre o mesmo assunto, escreveu o Barão de Studart, comete, por seu turno, dois sérios equívocos: pois os documentos a que alude, não são de 1659, mas, na realidade, de 1649, conforme disse o mestre cearense, e se referem a João Fernandes Vieira, e não a André Vidal. Assim, não podem provar que o nosso herói haja transposto o meado do século XVII, quanto mais o XVIII.

"Em 1649 havia, esclarece H. da Silva, uma ordem régia recentemente dirigida ao Conselho Ultramarino, mandando parar com os requerimentos das pessoas existentes em Pernambuco; e Vieira, que tinha uns requerimentos de solicitação de graças, pendentes de processo naquele tribunal, dirigiu-se ao Monarca, pedindo que "sem embargo da ordem dada, se tomasse conhecimento dos seus requerimentos e pretensões e se consultasse logo a S. Majestade para mandar deferir a êles como houvesse por seus serviços.

A êsses documentos se referiu Pereira da Silva e os cita Mário Melo em trabalho publicado na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, sob o título "João Fernandes Vieira não era bastardo" — 1932, pág. 55. Publicou-os também Telner em sua "Memória" e os reproduziu Varnhagen, na edição de 1872 da obra "Os holandeses no Brasil".

Isso que ignora o nosso jovem historiador, sabia-o, porém, o Barão de Studart. Os papéis não podiam ser de 1659 porque, nesta época, Vieira "já transformara em ouro as suas glórias conquistadas na cruenta luta com os holandeses...